

O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO DAS MASSAS COM O DISCURSO AUTORITÁRIO

THE PROCESS OF IDENTIFYING THE MASSES WITH THE AUTHORITARIAN DISCOURSE

Augusto Ferreira de Moraes¹, Emanuelle Minella Rodrigues²

¹ Estudante do Curso de Psicologia

² Professora Especialista do Curso de Psicologia

Resumo: Este estudo tem como objetivo discorrer a respeito da identificação dos sujeitos com os discursos autoritários, utilizando a hipótese da relação entre a identificação, a formação das massas e a personalidade autoritária. A pesquisa é qualitativa, de natureza exploratória, utilizando o materialismo histórico-dialético como forma de interpretação da realidade. Os resultados mostraram que as massas se organizam a partir do afeto e da identificação com os iguais, já os discursos autoritários, surgem para que seja mantido o *status quo*, onde é assegurado uma passividade frente às formas de violências e a ausência dos questionamentos da realidade. Portanto a identificação com os discursos autoritários, que prometem uma transformação do bem-estar social, se dá em sociedades onde há uma violência simbólica e individualismo excessivo que não fortalece as relações sociais saudáveis. Essas identificações fortalecem as relações das massas e o surgimento de um líder, que guiará essa massa e será visto como um substituto do pai e ideal de Eu. Aqueles que não pertencem a essa massa são vistos como inimigos. Portanto, a conclusão que se tem é que a personalidade autoritária surge em momentos de crises sociais e econômicas, que forcem o indivíduo a serem submissos, a partir de propagandas, à ideologias autoritárias que prometem mudanças para melhor. O presente estudo também concluiu que os processos identificatórios e as ideologias autoritárias vistas em contextos históricos como o nazismo, embora de formas diferentes, mas com o mesmo objetivo, ainda se manifestam nas sociedades atuais.

Palavras-chave: Psicologia de massas. Identificação. Discurso autoritário. Ideologia

Abstract: The aim of this study is to discuss the identification of subjects with authoritarian discourses, using the hypothesis of the relationship between identification, the formation of the masses and the authoritarian personality. The research is qualitative and exploratory in nature, using historical-dialectical materialism as a way of interpreting reality. The results showed that the masses are organized on the basis of affection and identification with their equals, while authoritarian discourses arise in order to maintain the status quo, ensuring passivity in the face of forms of violence and the absence of questions about reality. Therefore, identification with authoritarian discourses, which promise a transformation of social well-being, occurs in societies where there is symbolic violence and excessive individualism that does not strengthen healthy social relations. These identifications strengthen the relationships of the masses and the emergence of a leader, who will guide this mass and be seen as a substitute for the father and ideal of the Self. Those who don't belong to this mass are seen as enemies. Therefore, the conclusion is that the authoritarian personality emerges at times of social and economic crises, which force individuals to submit, through propaganda, to authoritarian ideologies that promise changes for the better. This study also concluded that the identificatory processes and authoritarian ideologies seen in historical contexts such as Nazism, albeit in different ways but with the same objective, still manifest themselves in today's societies.

Keywords: Mass psychology. Identification. Authoritarian discourse. Ideology.

Contato: augusto.moraes4999@aluno.cescage.edu.br; emanuelle.rodrigues@cescage.edu.br

1 Introdução

A sociedade sempre esteve diante de questionamentos que envolviam a identificação, tentando entender o motivo pelo qual o indivíduo se relaciona com um indivíduo e despreza o outro. Como escolhe seus gostos e sua profissão, porque demonstra determinado sentimento e outros não, porque escolhe seus grupos e se reconhece a partir de uma história individual, dentre tantas outras posições que o

indivíduo pode assumir e se reconhecer em sociedade. A identificação é o que constitui o indivíduo coletivamente e molda sua identidade.

Quando estudados juntos, a identificação e as massas, é possível ter maior compreensão da dimensão da identificação coletiva e o impacto dos discursos autoritários. Portanto, neste estudo, será trabalhado como ocorre o processo de identificação das massas com o discurso autoritário à luz do conceito de personalidade autoritária de Adorno e identificação e formação de massas de Freud. Para que seja possível compreender o fenômeno, foram traçados alguns objetivos como discorrer a respeito do processo de identificação com base na psicanálise freudiana; discorrer sobre o conceito de personalidade autoritária em Adorno e por fim, conceituar a psicologia de massas e a formação dos grupos. Dessa forma, será possível discorrer e alcançar o objetivo central deste trabalho: como se estrutura o processo de identificação das massas com os discursos autoritários. Para isso, serão articulados os conceitos aqui trabalhados em exemplos práticos, como a questão do antissemismo, mais precisamente aquele visto no contexto histórico do nazismo, e as formas de identificação e autoritarismo na atualidade, bem como as polarizações políticas atuais.

Para tal problema, será utilizado como referencial teórico central dois autores que se destacam sobre o tema, sendo eles: Theodor W. Adorno e Sigmund Freud. Eles são importantes para que seja possível discorrer de forma adequada sobre os conceitos de personalidade autoritária e identificação. Dessa forma, esse trabalho também está dentro da análise que a Psicologia Política dispõe, dessa forma, fornece um olhar crítico sobre a sociedade em que se vive para que seja possível uma melhor compreensão do tema proposto e objetivando a promoção de igualdade e justiça para as pessoas (Almeida *et al.*, 2012).

Ao fornecer uma visão aprofundada sobre o tema, esse trabalho possui relevância social e acadêmica, tanto para os cidadãos que estão inseridos no contexto social e político e são atravessados por esse, quanto para estudantes e pesquisadores que se interessam pela psicanálise, psicologia política, teoria crítica e ciências sociais, pois fornece um olhar amplo da personalidade individual e coletiva e como os discursos autoritários podem atingir os indivíduos. Quanto ao que se refere a sociedade, esse trabalho objetiva poder trazer inúmeros benefícios à sociedade na construção de novas políticas de segurança, educação e leis que fortaleçam a democracia perante a ideologias autoritárias. Dito isso, esse questionamento se faz urgente e cabe aos pesquisadores investigarem o processo de identificação das massas com discursos autoritários.

1.1 A evolução do conceito de identificação na psicanálise em Freud e Lacan.

Segundo Freud (1996b, p.109), o sujeito é construído através das identificações. Portanto, se mostra como um objeto indiscutível da psicologia. O questionamento do que é ser sujeito foi o que fundamentou e até hoje faz mover esse campo de estudo. Com isso, perpassa todos os campos sociais, tornando-se assim um objeto da psicologia social e política, além disso, amplia a visão no que diz respeito à intersecção entre sujeito e cultura e como são influenciados entre si. Dentro disso, podemos pensar como o indivíduo se identifica com os movimentos de massa, que são constituídos conforme as interações de uma pluralidade de indivíduos ou grupos que se identificam entre si e que são comprometidos com uma causa política, social ou cultural. Encontramos isso nos mais diversos fenômenos sociais da psicologia, como na psicologia do trabalho, nas políticas públicas, na psicologia política e afins.

Então é uma contribuição teórica para pensar os mais diferentes assuntos que abarcam a psicologia enquanto uma ciência e profissão.

A compreensão dos fenômenos acerca da identificação das massas com os discursos autoritários pretende contribuir para o campo da psicologia social e política e fornecer uma visão crítica e fundamentada da sociedade e das condições que levam o indivíduo ao aceite e identificação com os discursos autoritários. Para Martino e Marques (2021), alguns setores da sociedade não cultivam a democracia e as relações humanas, sendo um fator determinante na fragilidade do sistema democrático, portanto, é nesses momentos que surgem as personalidades autoritárias. Mediante a isso, percebe-se que há uma urgência nos estudos que perpassam esses temas, sobretudo em contextos em que o contrato social, como elucidado por Freud (1996a) em o *Mal-estar na Civilização*, em que os indivíduos trocam uma parcela da liberdade pela segurança social. Destaca-se a ideia de que uma parte da destrutividade passa pelo processo de repressão e é relativamente controlada através da internalização da energia agressiva e a consequente intensificação do sentimento de culpa (agressividade dirigida ao ego), enquanto que uma outra parte é externalizada sob a forma de inclinação para a agressão. A questão decisiva estaria em saber até que ponto o desenvolvimento cultural dos seres humanos conseguiria "dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição" (ibid, 1996a, p. 147).

A identificação sempre foi algo presente nas relações sociais e nos contextos históricos. Portanto, a identificação é o que constitui o indivíduo coletivamente e molda sua identidade. Para a psicanálise, esse processo de identificação sempre foi algo que despertou interesse, sobretudo quando combinado com os estudos sobre as massas, isto é, os grandes grupos de pessoas. Embora a psicologia seja muitas vezes atribuída ao indivíduo, ela tem sua importância e produção no campo social. É verdade que a psicologia se presta a estudar os caminhos que levam o indivíduo à satisfação de suas pulsões, mas jamais achou conveniente desprezar as relações entre os indivíduos (Freud, 1996b, p. 77). Dessa forma, os estudos sobre relações sociais e os grupos foi algo que esteve sempre presente no campo de estudo, e Freud tinha o interesse de estudar sobre esses grupos. A partir disso, elaborou seu estudo publicado, com o objetivo de estudar os contextos históricos e antropológicos da formação dos grupos à luz do seu conceito de inconsciente, utilizando alguns autores da época, sendo o mais influente Gustave Le Bon. Além disso, Caniato (2009b, p. 155) entende que uma psicanálise, mas não só ela como também a psicologia, que se priva de reconhecer os significativos efeitos sociais que atravessam a vida de um indivíduo está fadada a sustentar e reproduzir o *status quo* social, irracional e autoritário.

Embora o texto *Psicologia de grupo e análise do Ego* tenha sido publicado em 1921, sua atualidade se evidencia na história da sociedade quando se analisa, por exemplo, como foi possível os indivíduos aderirem à barbárie do nazismo. Se deve ao fato de que não foi uma ideologia construída sem intencionalidade e implantada a força, mas sim a partir de via eleitoral e tendo o ódio ao outro como uma engrenagem fundamental para a sua implementação (Adorno, 2019).

Para Laplanche e Pontalis (1991, p. 226), a identificação se caracteriza pelo processo onde o sujeito assimila um aspecto, um atributo, uma propriedade do outro, onde passa a se transformar nesse modelo total ou parcialmente. Portanto, a personalidade constitui-se como um emaranhado de identificações com o outro e é nela que o sujeito humano se constitui. A identificação não é apenas uma espécie primária de imitação, mas também uma apropriação; e relaciona-se com um elemento

comum que permanece no inconsciente (uma fantasia). Além disso, podem coexistir várias estruturas de identificações.

Houve um avanço no conceito de identificação para a psicanálise com Freud, tendo relação principal com o complexo de Édipo e também pela concepção da segunda tópica do aparelho psíquico, dessa forma, houve várias contribuições que enriqueceram esse conceito. A primeira seria em *Totem e tabu*, de 1913 e *Luto e melancolia*, de 1917, onde a noção de incorporação oral foi isolada do conceito de identificação, nesta, o indivíduo se identifica no modo oral, principalmente na melancolia, com o objeto perdido, por regressão à relação de objeto característica da fase oral (ibid, 1991, p. 228).

A caráter de exemplo, na primeira obra, Freud discorre a respeito do pai da horda primitiva, onde os irmãos expulsos da horda por este pai violento, juntam-se, matam e devoram o pai. No ato de devorar, realizam a identificação com ele, onde cada um adquire parte de sua força. O pai era totalmente violento e os irmãos, se sozinhos, nada podiam fazer. Juntos, com um objetivo em comum, poderiam fazer isso ser possível (Freud, 1996c, p. 150). Dessa forma, a identificação, em um primeiro momento, pode se constituir na apropriação de atributos e traços de um indivíduo para o outro, por vezes aqueles vistos como os “melhores”, “os que dão força”. Talvez isso explique a frase de Goethe (19-- apud Freud, 1996c p. 165) “aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu”.

Aqui vemos uma interpretação interessante de Perez (2018, p. 34-35), para ele o canibal jamais irá alimentar-se da carne daquele do qual não gosta. De certa forma, busca-se incorporar partes deste inimigo para que ele continue existindo em algum lugar no seu próprio corpo, como é o caso da horda primitiva, que buscava preservar os poderes do pai ao passo que acabavam com a sua violência. Dito isso, ao passo que consomem essa carne, o canibal não se apossa de todas as qualidades, ele deixará de lado aquilo que considera não útil e ficará apenas com o elemento que julga ser bom, que ama.

Em um segundo momento, em *Introdução ao narcisismo*, de 1914, é estudado o processo da escolha narcísica do objeto, que é escolhido segundo o próprio modelo da pessoa, à identificação, onde o sujeito é constituído segundo o modelo dos seus objetos anteriores: os pais, outras pessoas do meio que possuem alguma relevância para a vida do sujeito, etc. (Laplanche; Pontalis, 1991, p. 228). Nesse sentido, a identificação aparece no deslocamento da escolha narcísica do objeto para o modelo substituto desse objeto, os pais, aí que surge o ideal de Eu.

Posteriormente, os efeitos do complexo de Édipo são descritos dentro dos termos de identificação, onde os investimentos aos pais são deixados e substituídos por identificações. A ambivalência (amor e ódio), que está sempre presente, em relação ao objeto, é essencial para a constituição de qualquer identificação, elas formam estruturas complexas na medida em que há a ambivalência entre o pai e a mãe (ibid, 1991, 228).

A segunda tópica do aparelho psíquico se mostra para aprofundar e melhor articular aquilo construído a respeito da identificação. Além dessas contribuições, o trabalho que mais contribuiu para o entendimento do processo de identificação foi a partir de *Psicologia de grupo e análise do ego*, de 1921, onde foi possível distinguir três formas de identificação. Onde a primeira estaria vinculada ao laço afetivo com o objeto, portanto, uma identificação pré-edipiana; a segunda tem relação com a escolha de um objeto substituto que toma lugar do objeto abandonado; e o terceiro,

onde não há qualquer investimento sexual do outro, dessa forma, o sujeito se identifica com o objeto na medida em que um elemento se mostra comum entre eles (ibid, 1991, p. 228-229). Perez (2018, p. 34) vai descrever esses três modos da seguinte forma: incorporação - assimilação - idealização. A primeira identificação, vista nos *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*, é pela incorporação do objeto – o canibalismo, no caso da horda primitiva –; a segunda, vista no caso Dora, seria na identificação com os sintomas da pessoa amada; e a terceira seria a identificação com o ideal de Eu no colocar-se no lugar do outro, sendo algo fundamental para a identificação coletiva.

Adentrando em Lacan para discorrer a respeito disso, entende-se que a identificação opera a partir de uma cadeia de significantes. Esse significante, que não representa nada quando sozinho, necessita de outros significantes para que se juntem e produzam algum sentido ao sujeito. Portanto, para dar sentido ao S1, é necessário que ele esteja junto com um S2, S3, S4, etc. Nessa cadeia de significantes são escolhidos aqueles elementos que produzem algum efeito de sentido ao S1, enquanto outros são deixados de lado. Além disso, é importante salientar que o sujeito se produz tanto na relação do significante quanto do afeto, isso quer dizer que o significante S carrega em si uma carga afetiva que irá determinar se o indivíduo terá simpatia ou antipatia em relação ao outro (ibid, 2018, p. 42).

Ao passo que o processo de identificação requer a cadeia de significante, pode-se aplicar isso a um grupo de pessoas. Reconhecendo, primeiramente, que A e B são indivíduos, e a priori, diferentes, precisamos entender como o A se verá como igual ao B e mediante a identificação com o S. Ou seja, se o significante é vazio, então tanto A quanto B irão dar sentido ao S, a partir da sua cadeia de significantes que produziram um efeito de sentido para ele. Dessa forma, A só se vê como B se ambos se identificarem com S, isso produzirá o sentido de “nós”, e consequentemente, aqueles que não se veem iguais a A e B serão C: o resto, eles, os outros. Esse C é excluído da relação identitária e carrega em si aquilo que do Real também é excluído. De certa forma, embora C não participe diretamente dessa identificação, ele faz parte dessa relação pelo modo como A e B lidam com os outros: como algo a ser eliminado (ibid, 2018, p. 48-49).

Após a imposição de ideias – conforme será trabalhado mais adiante – o indivíduo, que foi influenciado a ver valor nesse grupo, se vê na ânsia de pertencer a ele, então busca-se freneticamente identificar-se com esse coletivo autoritário com o objetivo de fazer parte de algo. É nesse momento que o indivíduo entende que o ser diferente é algo indesejado e até mesmo ameaçador. Diante disso, essa identificação cria uma padronização dos indivíduos, onde todos precisam seguir algumas características específicas para pertencerem a esse coletivo autoritário. Essa identificação acaba por sufocar a individualidade dos sujeitos, visto que é necessário que as diferenças desapareçam para dar lugar àquelas características institucionalizadas desse grupo (Caniato, 2009a, p. 68).

A essa altura, é importante que seja entendido como se constitui a identidade do indivíduo, que é a partir da identificação. A lógica lacaniana utiliza a idéia de Heráclito: um homem pode e não entrar em um mesmo rio, enquanto ele é e não é o mesmo homem, dessa forma, ele se banha e não se banha duas vezes no mesmo rio. Aqui, Lacan se diferencia de Freud, visto que ele entende que A é e pode ser A ($A=A$), enquanto Lacan entende que o A só pode ser igual a si mesmo senão em relação a uma diferença ($A=A/\text{diferença}$). Dito de outra forma, A só é algo em si mesmo em contraste aos que os outros não são, dessa forma, A identifica o próximo antes de se

identificar em si mesmo: eu sou eu enquanto eles são eles. Isso funda a identidade, é a marca pessoal do indivíduo que é o que os outros não são, onde ele não é idêntico, mas se identifica, dito de outra forma, a igualdade pressupõe que existe uma diferença como base. Portanto, a identificação é o que permite a existência da identidade, a partir de uma lógica de diferença, onde eu não sou idêntico, mas me identifico (Maron, 2018, p. 111-112).

1.2 A Personalidade Autoritária e sua articulação dentro da sociedade.

Agora que já foi discutido a respeito do processo de identificação, dá-se espaço para a concepção de Personalidade Autoritária. Theodor W. Adorno foi um filósofo, sociólogo e representante da Escola de Frankfurt. Foi exilado da Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos. Entre 1946 e 1951, produziu dois artigos de destaque sobre propaganda fascista e conduziu uma extensa pesquisa sobre preconceito que culminou no livro "*A personalidade autoritária*" em 1950. Esse projeto visava entender as origens do nazismo, as bases da barbárie e a perpetuação da lógica da personalidade autoritária em outros contextos. Os anos 1920 na Alemanha, apesar de culturalmente efervescentes, não anteciparam a tragédia nazista subsequente. Adorno questiona como uma democracia pode se tornar uma ditadura fascista em menos de uma década. Ele investiga o papel da propaganda nazista e por que indivíduos aparentemente não preconceituosos aderiram ao regime. Adorno também se preocupa se o nazismo poderia se repetir em outros países, incluindo os Estados Unidos. Essas preocupações, contemporâneas à Segunda Guerra Mundial, permanecem relevantes diante de movimentos políticos que desafiam conceitos democráticos. Adorno abordou essas questões em seus estudos sobre propaganda fascista, enquanto coordenava pesquisa em Berkeley sobre antissemitismo e preconceito.

Além disso, Adorno percebeu que o principal mecanismo que fez possível o nazismo acontecer era o ódio; e seu intuito era entender como tal regime chegou ao poder por via eleitoral e como, ao longo do tempo, as pessoas ficaram receptivas a esse discurso a tal ponto de ser aceitável o genocídio do povo judeu. A Personalidade Autoritária, portanto, é uma investigação das tendências ideológicas, em vez de uma análise direta de preconceito manifesto.

O conjunto de textos de Theodor Adorno sobre propaganda fascista, embora variando em sua abordagem teórica e empírica, compartilha uma perspectiva que enfatiza a complexidade da comunicação como um processo que transcende a simples influência da mídia, considerando também aspectos sociais e psicológicos. Ao rejeitar uma abordagem simplista de psicologia das massas, como delineada nos estudos de Le Bon, Adorno busca uma compreensão mais profunda do fenômeno, fundamentada em uma perspectiva metodológica influenciada pelas ideias de Freud, especialmente aquelas presentes em "*Psicologia das massas e análise do eu*".

Assim como Adorno buscou entender como foi possível algo como o nazismo, Caniato (2009b, p. 153-154) nos oferece uma perspectiva interessante sobre como é possível uma sociedade chegar à naturalização da barbárie. Para ela – tal como será trabalhado mais adiante também –, quando o indivíduo é constantemente violentado socialmente e economicamente pelo sistema econômico em que está inserido, na qual existe uma lógica meritocrática de sucesso individual, acaba havendo uma culpabilização social de que as mazelas que o sujeito tem dentro da sociedade é culpa exclusivamente dele, e ele conseqüente acata essa ideia, visto que está atravessado por esta cultura autoritária. Nisso, nasce uma virilidade, uma ideia de que o sujeito

sozinho é capaz de combater a sua mazela, e um “culto ao herói”, com o objetivo de afastar-se do terrível e insuportável estado da vida em sociedade. Essa virilidade no caso é uma pura e simples covardia de se reconhecer nesse estado, de não conseguir dizer “eu não aguento”. Há, portanto, uma tolerância ao sofrimento e isso acaba por reforçar a competitividade e o individualismo que existe dentro da sociedade, o que por sua vez acelera ainda mais a injustiça e a exclusão social. Essa tolerância é o que permite a existência da barbárie.

Além disso, há uma perversa inversão ideológica da violência social para os indivíduos. Isso é, ao passo que essa violência é naturalizada como algo que não pode ser desfeita ou como algo cravada nas sociedades, as vítimas são transformadas nos próprios agentes dessa estrutura, ficando assim justificadas as violências impostas a certos grupos e indivíduos (ibid, 2009b, p. 163).

Segundo Martino e Marques (2021), alguns setores da sociedade e até mesmo campos políticos, não cultivam a democracia e as relações humanas, sendo isso um fator determinante que ocasiona em uma fragilidade no sistema democrático, pois nele não há qualquer cenário de justiça e equidade. É nesse momento em que traços latentes da personalidade autoritária podem vir à tona. Adorno (2019, p. 40) entende que os indivíduos passam a assumir características antidemocráticas quando estão inseridos em sociedades onde há situações de crises sociais.

Além disso, a educação tem papel fundamental nesse quesito, acontece que pode existir uma dimensão perversa na educação, que utiliza a repressão social como mecanismo para moldar subjetividades com o objetivo de que se rendam mais facilmente a certos discursos, dito de outra forma, os indivíduos são levados à ignorância para que não possuam um senso crítico e aceitem ideias sem se impor. Nesses casos, temos indivíduos preconceituosos que facilmente se adaptam a regimes sociais fortes, incapazes de experienciar emotivamente vivências humanas, são cegos frente a identificações coletivas autoritárias e cultuam o controle e o conformismo diante das injustiças sociais. Nesses casos, os indivíduos debilitados por esta consciência reificada e que não conseguiram livrar-se dessa educação manipuladora sucumbem a serem meros atores sociais, desindividualizados e colados uns aos outros como similares Caniato (2009a, p. 71-72).

Quanto à personalidade autoritária, Adorno desenvolveu um questionário com frases que, entrelinhas, apresentavam um discurso mais democrático ou mais autoritário, com a coleta de dados foi possível desenvolver a chamada Escala F. Nela, quanto mais pontos o indivíduo fazia, maiores eram os traços autoritários. Martino e Marquem (2021) salientam que a Escala F é um indicador do quanto o indivíduo é passível de concordar com frases autoritárias, dessa forma, jamais deve ser utilizada para medir o fascismo. Os traços autoritários são atravessados pelas atitudes das pessoas em relação a sua realidade, isso envolve desde o aspecto político quanto a simples interação social.

Uma das primeiras características evidenciadas no estudo de Adorno foi a ignorância e confusão, isso nada tem a ver com o grau de instrução da pessoa, mas sim com o apego a um só ponto de vista, dificultando ver a realidade a partir de outras perspectivas. Outra característica foi em razão da opinião pessoal, ela é vista como verdade absoluta e todo ponto de vista é posto no mesmo princípio de validade, ou seja, a opinião de um especialista vale o mesmo do que de um leigo. Porém, há momentos que uma se sobressai a outra, principalmente quando ela está de acordo com o pensamento do grupo, por exemplo, a opinião de um leigo, mesmo que sem

fundamento, se estiver de acordo com os pressupostos de alguém ou de um determinado grupo, pode valer mais do que de um especialista, isso acontece porque ele diz o que o grupo quer ouvir (ibid., 2021).

Existe, portanto, uma estratégia de controle social que utiliza da violência simbólica para criar uma realidade enganosa a esses indivíduos, levando-os a uma irracionalidade de identificações perversas com esse modelo proposto socialmente. Dito de outra forma, a consciência com seus elementos de julgamento crítico que norteiam o indivíduo a ação e a formação da sua identidade foram destruídos para dar lugar a manutenção do *status quo*, que necessariamente necessita que esses indivíduos sejam reificados ao ponto da própria vida humana se resumir a uma ideologia, mesmo que ela não tenha nenhum sentido lógico Caniato (2009a, p. 70).

Para Adorno (2019, p. 358), com a Indústria Cultural disseminando informações a todo o tempo, um sistema genérico é espalhado (fartamente quando em questões políticas) que, mesmo que a informação seja complexa demais para o entendimento do indivíduo, ele se permite estar atualizado e “sabendo tudo a respeito”. Isso acontece porque, além de ser fechado a opiniões diferentes, ele é excessivamente superficial em conhecimentos mais complexos, baseando-se em informações estereotipadas para fortalecer sua opinião.

Também foi notado que, ainda nas questões políticas e principalmente em campanhas eleitorais, existe a tendência de ser deixado de lado a discussão de ideias e os debates para dar lugar a exaltação a uma figura específica, geralmente aquelas as quais a pessoa ou o grupo se identifica (ibid., 2019, p. 366).

Essas são algumas das tendências da personalidade autoritária. Para que essas características se tornem algum tipo de violência, é necessário que alguns fatores sejam desencadeados, um deles, conforme observado por Adorno (2019), seria a propaganda fascista. Geralmente ela aparece sob um “disfarce”, defendendo algum ponto de apego das pessoas, como em defesa da democracia ou da liberdade, mas sempre com um discurso autoritário.

Adorno (2015a, p. 137 e seg; 2015b, p. 153 e seg) define alguns dos mecanismos usados durante as propagandas fascistas. O primeiro mecanismo seria a personalização: quando a figura do líder é evidenciada e ressaltada a todo tempo, seja como um modelo a ser seguido, seja como uma figura próxima – “gente como a gente”. Além disso, esse líder é o porta-voz do grupo – “ele fala tudo que pensa”, “fala a verdade”. O segundo mecanismo seria quando os meios substituem os fins: a propaganda sempre está deslocando a atenção das pessoas para um novo projeto, dessa forma, os objetivos nunca são alcançados, mas estão sempre próximos. Junto a isso, pode-se citar a realização do desejo: a propaganda se fortalece com diversas promessas de transformação e mudança, porém, não indica quais serão e nem como serão feitas. O terceiro mecanismo seria a realização do desejo: a propaganda sempre está fazendo promessas de grandes transformações e mudanças para um estado melhor, entretanto, nunca indica o que realmente será mudado e muito menos os caminhos para fazer essa mudança. Isso é, são feitas muitas promessas de uma realidade diferente e melhor para todos e quando chegarem finalmente nesse estado, tudo será gratificante e recompensador. O quarto mecanismo é o ataque a inimigos imaginários: a relação de amor dentro do grupo só é fortalecida a partir do ódio e do preconceito a uma pessoa ou um grupo diferente. Dessa forma, um grupo é escolhido como um inimigo, mesmo que racionalmente não mostre qualquer ameaça para essas pessoas, e lhe é atribuído todos os problemas. Esse mecanismo da propaganda

fascista pode ser muito bem explicado por Freud (1996b, p. 105), para ele, “o ódio direcionado à uma pessoa ou instituição funcionaria como um unificador dos laços emocionais dos indivíduos que constituem o grupo”. O quinto mecanismo é a ausência de lógica: a propaganda não se dirige apenas às emoções, mas precisam também dizer algo ao pensamento, acontece que, os raciocínios não seguem uma lógica, eles apresentam um discurso circulante e desviante para amparar uma miséria intelectual. Isso é, essas lógicas se contradizem a todo momento, entretanto, não é um problema tão grande, uma vez que o discurso faz curvas, desvios e tudo o que for possível para que possa provar um ponto de vista. O sexto mecanismo é a repetição e estereotipificação: os slogans da propaganda são extremamente repetidos, porém, como dito anteriormente, carecem de uma lógica, o que não é um problema, visto que se ele for repetido incansavelmente, passa a ser aceito e memorizado, e para que isso seja possível, a propaganda cria estereótipos da realidade. Aqui vale ressaltar o que Freud (1996b, p. 85), pensava a respeito dos processos de repetições nas massas, para ele, o grupo só pode ser motivado por um estímulo excessivo; quem produz esse efeito não precisa seguir uma ordem lógica de argumentos, mas deve exagerar e repetir a mesma coisa inúmeras vezes. O sétimo e último mecanismo é a ritualidade e performance: esse mecanismo diz respeito a uma propaganda que não acontece em um só momento, mas durante todo o cotidiano, e isso só é possível porque os rituais e performances são parte inerentes da política. Dessa forma, o indivíduo está constantemente recebendo influência. Esse mecanismo usa do entretenimento com o objetivo de causar uma emoção naqueles que estão sendo o alvo da propaganda, dessa maneira, torna o indivíduo mais receptivo às ideias autoritárias.

A alienação é um ponto fundamental de uma ideologia autoritária, para ela, é necessário que exista um raciocínio muito raso sobre as coisas, e sendo assim, como dito anteriormente, que se repita até que faça sentido. Para Perez (2018, p. 28), “no indivíduo alienado há uma repetição incessante que recria uma realidade que faz sentido para aquilo que ele está pensando e dito”.

Caniato (2009a, p. 67) entende que:

Há uma imposição de ideias, visões de mundo e de homem que criam hábitos mentais comuns que são partilhados entre os indivíduos pertencentes desses grupos, e o objetivo disso é que sejam atendidos os interesses sociais hegemônicos, dessa forma, cria-se um tipo “psicológico ordinário”, a partir de uma violência simbólica. Portanto, entende-se que essa imposição de ideias é injetada nos indivíduos à medida que se cria essas propagandas autoritárias, que justamente tem o objetivo de disseminar sua ideologia para as grandes massas.

Segundo Adorno (2015b, p. 171-172), a propaganda fascista também usa muito da ideia de retratar o líder como o “pequeno grande homem”. Isso é, um líder poderoso, para que haja a obediência dos seus seguidores, mas também um líder comum “como a gente”, para que seja possível realizar uma identificação. Isso permite que seja equilibrada tanto a identificação com esse líder quanto a idealização da sua figura autoritária.

Além do mais, Maron (2018, p. 111 e 114-115) traz esse líder como aquele que conduz o grupo para um caminho de satisfação e alegria. Isso acontece porque o líder é colocado em um lugar de ideal de Eu, e isso faz com que ele seja o responsável por guiar o grupo. Essa perspectiva de identificação vê o líder como um hipnotizador ou substituto, como visto em *Psicologia de grupo e análise do Eu*, enquanto o visto em *Totem e Tabu* seria vinculado com aquele pai da pré-história pessoal. A perspectiva

que vê esse líder como o substituto do objeto opera por meio das palavras, e não mais da força, como era o pai primevo. É essa identificação que possibilita as identificações seguintes. Além dessas, há também a identificação denominada de histérica, vista no caso Dora, que está ligada ao imaginário, como citado anteriormente neste trabalho. Portanto, há pelo menos três formas de identificação com o líder, que não necessariamente seguem uma ordem cronológica: (1) com o pai, (2) a de regressão ao objeto, e (3) a histérica, ou imaginária, que busca se colocar no lugar do objeto de desejo do Outro, e são nessas tentativas frustradas de ocupar esse espaço que possibilita a relação do líder com o grupo. Portanto, a participação na massa ou no grupo é a experiência da falta, que também é compartilhada pelos outros.

Por fim, Adorno (2019, p. 88), argumenta que “as pessoas foram enganadas pela propaganda fascista, durante a Alemanha nazista, porque ela as fez acreditar que as coisas iriam melhorar”. Elas foram influenciadas pelo aceite por conta das estruturas de personalidade, por padrões de expectativas e aspirações, medos e angústias que há muito tempo estavam estabelecidas. Portanto, a propaganda fascista nesse contexto histórico tornou-se mais suscetível quando já havia estabelecido um grau potencial de antidemocracia nas massas de pessoas. Além disso, Caniato (2009b, p. 155-156), entende que “nessas sociedades há uma vulnerabilidade do inconsciente que é capturado de fora para se impor ao irracional e aos prazeres perversos da indústria cultural”. Nesse inconsciente que nasce a identificação, o indivíduo passa a reproduzir os modelos identificadores que foram forjados por essa mídia, ele repete as mesmas falas, os mesmos comportamentos, os valores, as ideias, etc.

Além disso, Adorno (2015b, p. 164 e seg) entende que o uso da propaganda tem como objetivo despertar nos indivíduos uma parte primitiva de sua herança. O agitador fascista centra a representação de um pai – o significante do pai, para Lacan – todo-poderoso na figura do líder, capaz de despertar nos indivíduos um sentimento de devoção. Esse tópico será trabalhado mais adiante, uma vez que tenha sido introduzido os conceitos sobre as massas.

Segundo Caniato (2009a, p. 72-73), embora sejam diferentes as estratégias e os procedimentos de violência social apresentados por Adorno, as subjetividades estereotipadas e moldadas por uma consciência fragilizada produzida em uma educação perversa e manipuladora que conduz o sujeito a sucumbir a regimes sociais autoritários, impede as expressões diferenciadoras da individualidade e isso acaba por refletir o autoritarismo na condução das relações individuais e grupais, portanto nas democracias da atualidade, quando um indivíduo expressa sua diferença, ele é ridicularizado e perseguido, o que pode acarretar na extinção de suas particularidades e na sua própria individualidade, dessa forma, o ajustamento a esse coletivismo autoritário é o responsável por essa extinção.

1.3 A lógica identificatória da formação das massas e sua articulação com o discurso autoritário.

Agora será trabalhado o conceito de identificação e massas a partir dos estudos de Freud em *Psicologia de grupo e análise do Eu* realizados em 1921. Nesse trabalho, Freud interpreta a descrição da mente de massas a partir dos estudos de Le Bon. Para Freud (1996b, p. 109 e seg), a identificação é a mais remota expressão de laço emocional entre as pessoas. Ela pode advir do complexo de Édipo, e nesse sentido, o pai é o que gostaríamos de ser e o que gostaríamos de ter, portanto, o processo de identificação busca moldar o próprio ego do indivíduo para que se enquadre naquele que foi tomado como modelo. Posto isso, pode-se calcular que o laço existente entre

os membros de um grupo é de natureza de uma identificação baseada em uma qualidade emocional comum, e como esperado, essa qualidade reside no laço natural para com o líder.

Quando posto isso ao surgimento da sociedade e do próprio Estado na relação de um indivíduo com os outros, temos o que Perez (2018, p. 16), sustentado em Thomas Hobbes, diz, para ele, o indivíduo com suas necessidades biológicas e seus desejos se vê diante do medo de morrer, então, decide criar um pacto com os outros indivíduos, pois pensam que juntos teriam mais chances de sobreviver. Portanto, muitos de seus desejos podem ser postos de lado em razão de uma garantia de sobrevivência com seus iguais, que igualmente passarão pelo mesmo dilema. Dessa forma, para que fosse possível essa primeira experiência de massa, ainda que pequena, foi necessária uma identificação na própria impotência em viver sozinho.

Adorno (2015b, p. 168-171) destaca o mecanismo do narcisismo como fundamental para o surgimento da identificação entre o líder e os seus seguidores, uma vez que a idealização da figura do líder é vista como um reflexo narcísico de um ideal de Eu. Dessa forma, é possível que o indivíduo tenha suas satisfações narcísicas atendidas, agora que o líder passará a ser uma extensão de si.

Portanto, para o processo de identificação acontecer, requer que haja um laço, algo em comum entre as pessoas que constituem o grupo. Pode ser o interesse em um objeto, uma fé, uma inclinação emocional aproximada; quanto maior for o grau de uniformidade nesse aspecto mental, maior será a força do grupo, maior serão as manifestações mentais e mais rápido irão se constituir. A característica mais notável em um grupo é a intensificação da emoção, elas fundem-se nos indivíduos e eles perdem a noção da sua limitação individual, portanto, ele se priva do seu poder de crítica e deixa a emoção ser seu guia (Freud, 1996b, p. 91). Para isso, dentro de discursos autoritários, essa privação do senso crítico pode ser intensificada pela característica da ausência de lógica da propaganda, conforme já descrito neste trabalho. Pode acontecer também que, por conta da falta de senso crítico, as ideias mais contraditórias possam existir lado a lado, sem que nenhum conflito surja da contradição lógica entre elas (ibid, 1996b, p. 86).

Uma vez que citado a abertura do grupo à influência, justamente por não terem qualquer critério crítico para validação de uma ideia e jamais ser conferida por qualquer instância razoável, esse grupo não conhece a dúvida nem a incerteza. E para que essa influência seja possível, como dito anteriormente, não é necessário que a ideia tenha uma ordem lógica, apenas que seja incansavelmente repetida (ibid, 1996b, p. 84).

Segundo Adorno (2015b, p. 175-176), “a mesma estrutura libidinal que cria o laço entre o líder e o grupo é a mesma que direciona o ódio ao indivíduo não pertencente e diferente, entretanto, a primeira seria a libido positiva, enquanto a última a negativa”. Freud (1996b, p. 81 e seg), discorre mais sobre esse ódio, para ele, quando em grupo, o sentimento de impossibilidade some, e tudo aquilo que o indivíduo, quando sozinho, pensava e continha para si, seja por medo ou pelos padrões esperados de civilização, desaparece pelo sentimento de poder do grupo. Nesses casos, o preconceito e ódio ao diferente podem vir à tona, e o que antes era apenas uma antipatia, agora vira um ódio furioso. Pode haver casos em que um dos integrantes desse grupo, jamais tivesse ódio a esse inimigo imaginário, mas pelo contágio de ideias que há dentro dos grupos, ele sacrifica seu interesse próprio pelo interesse coletivo, e é o que o levará para certos atos.

Caniato (2009a, p. 69) discorre a respeito disso e enfatiza que nessa lógica de amigo (igual) e inimigo (diferente), cria-se uma lei soberana que passa a reger a vida dos indivíduos. Nesse cenário, aquele que se distanciar ou não cumprir essas leis poderá sofrer ameaças e punições. Como consequência disso, visando se proteger dessa ameaça que está sempre iminente, os indivíduos criam entre si pactos e acordos que encobrem essa violência que estão todos vulneráveis.

Nesse ponto, pode-se supor que o ódio seja até mesmo fruto da inveja e do ciúme. Isso é, as identidades individuais ou as grupais se reconhecem como privadas de um objeto específico de desejo, do qual o outro usufrui, dessa forma, o usufruto do outro passa a ser o motivo da minha privação (Perez, 2018, p. 33). Isso pode explicar a dinâmica do ódio aos judeus na Alemanha Nazista, conforme trabalhado adiante.

Adorno (2015b, p. 153 e seg), em seu texto *A Teoria freudiana e o modelo fascista de propaganda*, complementa de forma muito enriquecedora tudo o que Freud já havia dito em seu texto sobre as massas, principalmente no que diz respeito à natureza libidinal ser uma grande responsável pela produção das massas. Para ele, ao passo que o indivíduo faz parte de um grupo, este se vê diante da libertação de suas repressões e atitudes mais primitivas que muitas vezes é oposta ao seu comportamento racional, isso significa que pouca ou nenhuma atitude vinda das massas são uma produção inédita, mas sim manifestações de traços antigos já existentes. Além disso, as “relações amorosas” contidas no grupo, que antes eram direcionadas a amigos e familiares, são transferidas para uma devoção à ideologia, ao líder e ao grupo, por meio da sugestibilidade e contágio de ideias que há dentro dos grupos. No contexto do fascismo, o líder busca meios de reprimir a natureza libidinal do indivíduo para poder manipular para onde será direcionado esse amor, hora para a ideologia, hora para a figura do líder, etc.

Para Freud, a relação de amor dentro dos grupos é posterior ao ódio. Dito de outra forma, a identificação de amor dentro das massas precisa necessariamente ser posterior a uma identificação de um ódio em comum para esses integrantes, direcionado a um objeto. Na horda primitiva, por exemplo, a identificação dos irmãos no ódio em comum com o pai fez com que se reunissem para matá-lo, e então foi consumido partes do seu corpo no objetivo de preservar seus poderes. Após isso se instaura uma renúncia pulsional desses indivíduos como o principal mecanismo na formação das leis proibitivas, o que construiria uma coletividade pacífica. Tudo isso transformaria esse pai da horda primitiva em um símbolo totêmico, de incorporação e de instauração da coletividade, dessa forma, os indivíduos passam a se identificar com o substituto desse pai morto: o líder dessa coletividade. Isso seria a identificação secundária, isto é, o momento em que há a substituição do objeto e regressão até a identificação (Maron, 2018, p. 110).

Dessa forma, como citado anteriormente, a formação da coletividade se dá pela renúncia pulsional, e aqui fica evidente que a sua articulação pela via da identificação se dá em dois modos: na vertical para com o líder e na horizontal para com os pares (ibid, 2018, p. 121).

Adentrando mais isso que foi dito, a relação do líder para com os integrantes da massa é um tanto interessante. Esse líder desperta uma relação quase que de pai para filho, entretanto, mais similar àquele da horda primitiva, onde o pai é a figura mais poderosa, reverenciada e dominadora de toda a horda. Freud (1996b, p. 85 e seg), entendia que o indivíduo almeja e busca a força de um indivíduo que se mostre como um líder, ele anseia pela obediência. Dessa forma, ao passo que um indivíduo busca

aquele pai similar ao da hora primitiva, e o líder a um seguidor devoto e submisso, ambos produzem uma relação erótica, sendo o primeiro uma relação passiva-masquista, e o segundo uma relação sádica.

Dito isso, há o questionamento de como é possível que um líder desempenhe um papel similar ao do pai. Caniato (2009b, p. 158-159) explica que isso se dá em razão de transformações manipulativas da família em uma sociedade pós-industrial, onde despiu-se o papel do pai como modelo de realidade e autoridade para com seus filhos. Dessa forma, o superego freudiano perdeu parte das suas características de instância de lei e ordem – e também de identificação – para dar lugar às agências administrativas extrafamiliares.

Voltando agora ao ponto central do líder, Adorno (2015b, p. 173-174), a partir de seus estudos, entendeu que os líderes fascistas necessitam constantemente de exibir a hierarquia da estrutura do grupo. Isso permite que os seguidores entendam o seu lugar e sua função dentro do grupo e reforcem a ideia do líder poderoso e do papel de quem ordena e de quem obedece. Para isso, são feitos rituais e cerimônias recheados de saudações, uniformes e distintivos. Embora se imagine que esses seguidores se sintam impotentes com essas cerimônias, acontece o contrário, elas despertam um sentimento de pertencimento, uma vez que eles necessitam e sentem-se gratificados por participarem de uma estrutura organizada e hierarquizada, no qual cada integrante, independente do seu posicionamento na estrutura, têm seu papel. Caniato (2009a, p. 73) salienta que o poder coercitivo que há nessas relações reforça o sentimento de pertencimento ao grupo, isso faz com que seja difícil o indivíduo se diferenciar dos demais para não ser visto como o “estranho” que deve ser excluído. Dessa forma, acaba por aceitar aquela identidade imposta socialmente pelo grupo, julgando que se é de todos, deve ser a dele também.

Segundo Perez (2018, p. 16-17) uma experiência não está completa sem o sujeito, é necessário que haja o sujeito da experiência para que exista uma realidade sobre alguma coisa. Em um time de futebol, por exemplo, a sua realidade não se dá apenas pela existência de uma bola, um campo com grama e um espaço físico, mas também necessita do sujeito da experiência que ocupe, para além do papel de um mero observador, também como um integrante da experiência. Nas massas, isso não seria diferente, é necessário existir o sujeito da experiência para que exista a experiência da massa.

Por fim, vale ressaltar que o líder não existe sozinho, ele apenas ocupa um espaço vazio, isso é, a sua existência só se dá em razão de uma massa ou grupo anterior a ele. O significativo do líder precisa necessariamente ser vazio para ser preenchido por tudo aquilo que a massa necessita para se identificar. Dito isso, o líder é representante de uma série de demandas não satisfeitas, ele se torna o símbolo, o intérprete das demandas sociais, dos desejos e das necessidades dessas massas (Maron, 2018, p. 122).

A relação do líder e da massa pode ser explicada a partir da dialética do senhor e do escravo proposto por Hegel (2003), para ele, a consciência-de-si tenta submeter a outra consciência-de-si a um lugar de objeto, e tenta extrair dela o reconhecimento de si mesmo enquanto um sujeito. Nesse encontro das duas consciências-de-si é travada uma luta para determinar quem ocupa esse lugar de objeto e quem ocupa o lugar de sujeito (o senhor), até o ponto que uma irá ceder a essa posição inferior perante ao outro, sendo assim, o escravo. Nesse sentido, o senhor acaba por ocupar um lugar de dependência eterna do escravo, necessitando do seu reconhecimento e

gozando da sua força de trabalho, enquanto o escravo, por sua vez, desenvolve sua consciência pelo fruto da sua relação com o trabalho. Hegel entende que o ideal para a sociedade seria que ambas as consciências-de-si reconhecerem uma à outra como sujeito, e não objeto; ao passo que isso não acontece, instaura-se a relação do senhor e do escravo. Nesse sentido, pode-se entender que o líder das massas foi quem ganhou essa luta de sujeito e objeto, portanto, sendo o senhor, enquanto os integrantes da massa se reconheceram como o objeto, o escravo. Se posto isso ao pai da horda primitiva, podemos vislumbrar o mesmo cenário, onde o pai ocupa esse lugar de senhor e goza de tudo que é produzido pelos filhos. Entretanto, os filhos estão em desenvolvimento da sua consciência a partir do trabalho que fazem, enquanto o pai apenas ocupa esse lugar de dependência e da necessidade do reconhecimento dos filhos em ser o senhor. Ao passo que se desenvolve essa consciência nos filhos, a relação é invertida: os filhos retiram o pai desse lugar ao qual foi designado.

Segundo Caniato (2009a, p. 74-75) há um grande problema nas sociedades atuais, existe uma intensificação no individualismo, o que impede que as pessoas unam-se entre si em prol de algo bom a esse coletivo natural, isso é, aquele que foi o responsável pelo início das primeiras sociedades. Todos acabam se isolando uns dos outros. O processo de interpretação de si, dos outros, da própria vivência das experiências humanas e da sociedade restringem-se ao que o indivíduo pensa ser ele e dele. Portanto, o autoritarismo nessa sociedade atual destrói os princípios filosóficos que fundam o coletivo: a busca pela sobrevivência, e dão lugar à exclusão de tudo que é diferente daquilo imposto por uma ideologia. A experiência que se tem na sociedade é a vivência constante de uma falsa ideia de um mundo individual para cada um e do eu sozinho, onde cada indivíduo se isola no seu narcisismo, o que acaba por destruir as instituições sociais como a família, a educação e a justiça, levando a sociedade para um único caminho: o enfraquecimento dos laços sociais e a vulnerabilidade frente ao autoritarismo.

Essa ideia gananciosa do “salve-se quem puder”, que revela o atravessamento de um sujeito pelas expressões do autoritarismo econômico e social, intensifica a competição entre os iguais e culpabiliza o sujeito pela sua impotência frente às condições sociais. Isso é, o sujeito se sente culpado pelo sofrimento que a cultura o impõe e acaba por abdicar de seus próprios desejos para se adaptar a esse sofrimento até chegar ao ponto de acomodar-se nessa impotência imposta (ibid. 2009b, p. 152-153). A grande dificuldade no surgimento de um pensamento crítico nesse caso é justamente a dificuldade do sujeito de se ver na posição que ele ocupa, isto é, essa ideia econômica meritocrática ofusca os indivíduos de perceberem sua consciência de classe, de se ver o local social e econômico em que ocupa nessa sociedade. Ao passo que há essa cegueira imposta por essa ideologia, ele passa a se ver diferente dos demais – embora estejam no “mesmo barco” – e se intensifica esse individualismo e a ideia de que cada sujeito é responsável pelo seu próprio sucesso.

Mesmo que as sociedades atuais não se considerem como conduzidas por regimes fascistas, como em aqueles discursos explícitos de Hitler, há uma reciclagem nesse modelo antigo, dessa forma, existe uma organização social autoritária similar a esses sistemas históricos, embora atualmente se articulem de um modo diferente: menos direto e explícito. A manipulação social por trás desse autoritarismo se dá pela indústria cultural, por meio de propaganda e controle ideológico que ainda impõe idéias e crenças às massas (ibid. 2009a, p. 78).

2 Material e Métodos

A pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, ou seja, não se aterá a representações quantitativas, mas sim com o aprofundamento de uma compreensão social (Gerhardt; Silveira, 2009); e de natureza exploratória fazendo uso de levantamento bibliográfico de fontes secundárias. Conforme o que preconiza Gil (2002), a pesquisa exploratória tem como objetivo fornecer familiaridade com o problema em questão, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, além disso, buscar o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. O planejamento da pesquisa é bastante flexível e fornece variados aspectos relativos ao que está sendo estudado. É um tipo de pesquisa por meio de levantamentos bibliográficos, caracterizado por um conjunto de conhecimentos reunidos em uma obra, onde proporciona o leitor ao saber (Fachin, 2017). Além disso, trata-se de uma revisão da literatura do tipo tradicional, onde são discutidas informações produzidas dentro de uma área de estudo (Moreira, 2004) onde são discutidos de forma ampla para descrever e discutir um determinado assunto, (Rother, 2007). Não há a nomeação de um lugar de intervenção, visto que não serão realizadas pesquisas experimentais ou entrevistas, apenas o levantamento bibliográfico em periódicos e livros.

A sondagem bibliográfica será baseada nas seguintes fontes de dados eletrônicos: Scielo, Pepsic, Periódicos CAPES e Google Acadêmico nos meses de março de 2023 a junho de 2024. As palavras-chave usadas para pesquisa são: identificação; autoritarismo; discurso autoritário; propaganda autoritária; personalidade autoritária; psicologia de massas; psicanálise; psicologia social; psicologia política. Foram utilizados 9 (nove) artigos de 9 (nove) revistas científicas e 17 livros físicos e digitais, totalizando 26 materiais consultados, os quais se mostraram suficientes. Têm sido selecionados os artigos publicados em língua portuguesa. Tem sido estabelecido como critérios de inclusão: (a) apenas artigos científicos redigidos no idioma português; (b) com temática que envolva o problema de pesquisa do presente trabalho.

Além disso, para tal pesquisa foi utilizado como forma de interpretação o materialismo histórico-dialético, que segundo Pires (1997) consiste no pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens dentro da sociedade, dessa forma, tenta-se entender a organização dos homens em sociedade através da história. Além disso, para atingir os objetivos deste trabalho, foi necessário não separar o sujeito do objeto, caso contrário, seria insuficiente para tal tarefa. Portanto, é imprescindível entender como os homens se organizam na sociedade e como eles vêm se organizando através da história. Dito isso, tal método de interpretação se mostrou necessário e suficiente para entender a realidade de forma concreta através de seus diversos aspectos.

3 Resultados e discussão

Com base no que foi exposto até aqui, percebe-se que há uma identificação com o discurso autoritário quando o indivíduo está exposto a um meio que produz violência, tanto social quanto econômica. Nesses casos, por meio da disseminação de informações autoritárias, alavancadas pela Indústria Cultural, o indivíduo passa a se identificar com tal discurso, isto é, com a ideologia. Portanto, ao passo que esse discurso se mostra como uma mudança no cenário atual e se põe como a única esperança de transformação e de garantia do bem-estar social, o indivíduo acaba sendo hipnotizado por essas promessas. Ao passo se embebedada cada vez mais dessa

ideologia que o atravessa por meio da Indústria Cultural, este indivíduo passa a se identificar com os iguais: aqueles que pensam como ele, criando assim as massas, que consequentemente necessitam de um líder. Aqueles que restam, que não fazem parte dessa massa identificatória, são vistos como figuras ameaçadoras e, portanto, inimigos. Dito isso, a partir daqui será trabalhado com exemplos práticos de momentos históricos e da atualidade onde ocorreram identificações com discursos autoritários e como tais indivíduos foram influenciados e manipulados para aceitar e normalizar tal ideologia.

Segundo Thomaz (2023) a personalidade autoritária surge quando o indivíduo, atravessado pelo contexto da sociedade de massa, fica embebedado de um medo constante de exclusão social, assim, buscando a garantia da sua sobrevivência enquanto um ser social, temos a produção de uma possível personalidade passiva, que tudo obedece e se submete. Isso acontece porque, em uma sociedade capitalista, tudo está associado à capacidade de produção e a ideia de que o sucesso e as posses advêm do esforço pessoal, e se não os possui, certamente não produziu o suficiente. Dito isso, não há espaço para aquele que se contradiz ou não se encaixa a essa ideia, portanto, está condenado à exclusão; e essa ameaça enfraquece o ego do indivíduo, o que alavanca a sua submissão diante da autoridade.

Esse medo de não ser aceito pelo meio é essencial para que a engrenagem funcione, pois é apenas a partir dela que ocorre o surgimento daqueles que aceitam e daqueles que ordenam. Para Freud (1996b, p. 85 e seg), o indivíduo exige a força ou até mesmo a violência, ele quer ser oprimido, guiado e temer seu líder. Ele é interinamente conservador, com um respeito ilimitado pelo tradicional e tem aversão a toda inovação e progresso. Portanto, o grupo naturalmente precisa de um líder, pois, anseiam pela obediência e aceitam qualquer um que se indique como chefe. Esse líder necessariamente é fascinado por uma intensa fé (em uma ideia) e desperta a mesma fé no grupo, pois esse, nunca tem vontade própria.

Segundo Caniato (2009a, p. 68), esse processo de introdução a coletividade, que muitas vezes é forçada por conta da influência externa, conforme trabalhado anteriormente, impõe ao sujeito um ajustamento social para caber a esse perfil desejado pelo grupo, isso é, uma padronização de comportamento e pensamento. Entretanto, essa padronização mostra um processo sadomasoquista de ajustamento a esse coletivismo autoritário. O indivíduo tem um desejo de obedecer e de dar adesão a esse modelo proposto.

Se posto isso ao contexto histórico do surgimento do nazismo na Alemanha, temos em primeiro momento uma identificação entre as pessoas na sua própria impotência. Isso é, na crise da família, conforme apresentado por Adorno e por Caniato, a falta de uma identificação com a figura de uma autoridade paterna compromete o desenvolvimento de uma personalidade forte. E nesses casos, esse vazio deixado pela falta dessa figura foi preenchido pelo nazismo. Entretanto, é fundamental explicar que Hitler não ocuparia de início esse lugar de substituto do pai, mas sim primeiramente o papel de um filho rebelde, fraco e impotente, com o único objetivo de que as massas se identificassem com ele como “alguém como a gente”, um indivíduo igualmente debilitado e oprimido (Thomaz 2023).

Esse sentimento de impotência econômica e social de fato existia nos cidadãos alemães, hora por conta de uma realidade tão abundante de recursos que não foi possível se organizar de modo a diminuir a exploração do homem pelo homem (Adorno, 2015c, p. 48), hora por conta da crise econômica, social e política e também

das humilhações impostas pelo Tratado de Versalhes, o que impactou a imagem internacional do país depois da Primeira Guerra Mundial (Medeiros, 2020). Acontece que, mediante a um mecanismo político, houve a promessa do retorno de um momento onde o país era forte e grandioso. Portanto, Adorno mostra que o povo alemão não necessariamente desejava um genocídio, mas sim a volta de uma soberania nacional e de segurança, que nesse caso estava enraizado a um culto da pureza germânica mediante a ferramentas de segregação das “raças impuras” (Indursky; Conte, 2019).

Nesse contexto, essa segregação foi destinada principalmente ao povo judeu. Segundo Thomaz (2023), mediante o rebaixamento da consciência, – que é intensificado quando o indivíduo está em um grupo, seja pela sensação de poder do grupo, ou pelo contágio de ideias, conforme citado anteriormente – os mesmos que sofrem uma opressão direcionam o seu ódio para aqueles que igualmente sofrem a mesma opressão, e nesse caso, o objeto do ódio é aqueles que são diferentes. Dessa forma, submissos à dominação e a uma paranoia coletiva, o indivíduo se vê na dificuldade de olhar a si mesmo e entender de onde vem e a sua realidade, sobrando a ele apenas designar o seu ódio a aquele que conteste esse lugar e poder. Além disso, o que aconteceu na Alemanha, mediante ao mecanismo característico do fascismo, emprega aos indivíduos o papel de eleger um falso inimigo, que nesse caso, a partir de estigmas e estereótipos, foram os judeus. Para Arendt (1989, p. 26), o uso do terror é fundamental para governar as massas, isso porque, ao estabelecer um regime totalitário, é necessário a apresentação de uma ameaça como instrumento de uma ideologia específica. Nesse caso, esse bode expiatório foi empregado o povo judeu, e as justificativas para isso serão trabalhadas mais adiante.

Segundo Medeiros (2020), o Partido Nazista, durante a República de Weimar, não abordava tanto as questões de antissemitismo. Eles se preocupavam mais em debater a respeito de anticomunismo, questões políticas de economia, desemprego e inflação. Foi só a partir da nomeação de Hitler para o cargo de chanceler em 1933 que o antissemitismo se torna uma peça central para o nazismo.

Quando Hitler ainda era adolescente e vivia na até então Áustria-Hungria, sua mentalidade com aspirações à xenofobia e ao racismo já estava sendo construídas. O governo do Império Austro-Húngaro sempre despertou desaprovação por parte dele, sobretudo por conta da grande quantidade de imigrantes que haviam no território, principalmente na cidade de Viena, que na época tinha 10% da população constituída por judeus. Havia também vários estrangeiros ocupando o parlamento na Áustria, e Hitler acreditava que isso colocava em risco a soberania do povo austríaco. Dito de outra forma, a democracia, para Hitler, apresentava um risco aos interesses nacionais, sobretudo porque havia uma crescente participação do povo judeu em partidos de esquerda (ibid., 2020).

Ele também compartilhava de um pensamento pseudocientífico que se espalhava pela Europa juntamente com o darwinismo social, de uma suposta civilização chamada de Arya que se espalhou pela Europa até a região da Índia e que deu origem ao povo “ariano”, uma suposta raça superior. Segundo essa teoria, grandes feitos da humanidade só foram possíveis por conta da presença do sangue ariano em algumas civilizações. Essa teoria foi muito divulgada na Alemanha nazista, por veículos de comunicação como revistas, cinema, posters e até peças teatrais, como as de Richard Wagner. Por conta disso, aqueles que não correspondiam às supostas características do povo ariano (cabeça no formato dolicocefalo, branco, alto, loiro e com olhos claros) eram vistos como indesejáveis (ibid, 2020).

Além disso, Arendt (1989, p. 33 e seg), aprofunda mais a questão do antissemitismo. Na França, Baviera, Áustria e na Prússia alguns judeus ricos e privilegiados recebiam títulos de nobreza, o que significava que não eram apenas homens ricos. O Estado, por sua vez, só foi possível se instaurar no seu início por conta do crédito financeiro e das ligações internacionais que alguns judeus possuíam, fazendo com que fossem a única parcela da população interessada em financiar o Estado, o que deu a eles, por um momento, uma proteção. Entretanto, no final do século XIX, a evolução do imperialismo fez com que as classes proprietárias não vissem mais os negócios estatais de forma improdutivo, isso fez com que fosse criado um lugar interessante de negócio entre o Estado e as instituições privadas, a tal ponto que em dado momento o Estado adquiriu crédito suficiente para dispensar o financiamento desses judeus. Mediante a isso, os judeus foram perdendo gradativamente o seu lugar de exclusividade. Por conta desse contexto histórico e dessa relação financeira com o Estado, os judeus foram muitas vezes identificados como os detentores do poder do Estado, então, não era incomum que o antissemitismo crescente criasse uma imagem estereotipada do povo judeu: uma organização de comércio internacional, com um laço familiar global de interesses financeiros; os que manipulavam as cordas das suas marionetes (governantes). Dessa forma, os antissemitas entendiam que tomar o poder para si não era nada senão aquilo que os judeus já haviam feito, sendo assim, havia uma necessidade de expulsar os supostos reais ocupantes desse lugar de poder: os judeus.

Segundo Medeiros (2020), alguns grupos conservadores e nacionalistas responsabilizaram os judeus pelos problemas da Alemanha, uma vez que acreditavam que eram eles que lideravam partidos de esquerda, sindicatos e parte da imprensa, investindo em propagandas anti alemãs com o objetivo de fortalecer a expansão dos negócios judaicos. Além disso, a paralisação na produção bélica na Primeira Guerra Mundial, que para o povo alemão foi o que culminou na derrota da Alemanha, foi atribuída também aos judeus.

Até agora, o contexto se instaura da seguinte forma: uma Alemanha devastada e humilhada pela Primeira Guerra Mundial; um partido político que estava prestes nomear como chanceler um homem que cultivava desde muito cedo uma xenofobia e racismo; uma população que há muito tempo já via o povo judeu como os responsáveis por todo o mal da nação; e uma ideologia de superioridade racial fundamentada em uma teoria pseudocientífica racista combinada com o darwinismo social, antissemitismo e paganismo nórdico, que produzia um sentimento de grandiosidade e superioridade no povo alemão.

Conforme já trabalhado anteriormente em Adorno, a propaganda, usando de seus inúmeros mecanismos de persuasão, é uma peça fundamental no que diz respeito ao sucesso de um regime autoritário. Portanto, é certo dizer que o nazismo usou desses mecanismos de propaganda para disseminar sua ideologia. Para dimensionar como essas propagandas foram construídas, temos alguns exemplos expostos no *United States Holocaust Memorial Museum*, um museu que contém milhares de artefatos, fotografias, áudios gravados, documentação e muito mais recursos sobre o holocausto. Há também a Enciclopédia do Holocausto, uma extensão do museu na sua forma online, que conta com inúmeros artigos, vídeos, histórias e outros.

Segundo essa Enciclopédia, após a tomada de poder do regime nazista em 1933, logo foi estabelecido o Ministério do Reich com o objetivo de produzir propagandas que disseminassem a ideologia nazista por meio da música, dos filmes,

do teatro, dos livros, materiais escolares e outros. Nessas propagandas, os alemães eram sempre reforçados dos motivos da luta contra esses inimigos, era de certa forma criada um estado de violência tolerante destinado ao povo judeu. Esse objetivo de relembrar o motivo da luta pode ser muito bem explicado a partir do mecanismo de repetição e estereotipificação da propaganda autoritária, conforme trabalhado anteriormente, onde os conteúdos são trabalhados repetidamente para que sejam lembrados e memorizados.

Além disso, após a Alemanha invadir a União Soviética houve uma grande produção de propagandas direcionadas à população alemã e aos policiais e militares que estavam ocupando território inimigo. Nessas propagandas, era criada uma aliança imaginária entre o comunismo soviético e o judaísmo europeu, onde a Alemanha seria a salvadora da cultura ocidental contra uma ameaça bolchevique. Essa propaganda pode ser explicada, primeiro, pelo mecanismo do inimigo imaginário, onde é necessário, para fortalecer as relações da massa, elencar um suposto inimigo que é perigoso, e nesse caso, foram os judeus e o movimento comunista, criando um elo poderoso que poderia causar muito mal ao ocidente. Em segundo, o mecanismo de realização do desejo, onde é sempre prometido uma realidade melhor, diferente e boa para todos, portanto, ao passo que a propaganda põe a Alemanha nazista como a nação que derrotaria esse inimigo imaginário, seria possível alcançar uma realidade onde esse inimigo que causa mal não mais existe.

A Enciclopédia mostra também que o cinema teve um grande papel na disseminação das ideologias antissemitas do nazismo e da superioridade racial do povo alemão. Foram produzidos filmes e até mesmo caricaturas em jornais onde o povo judeu era retratado como parasitas culturais. Alguns filmes se ocupavam mais de enaltecer a figura de Hitler e a ideologia nazista. O uso das propagandas no cinema pode ser explicado a partir do mecanismo de personalização, onde é necessário evidenciar e ressaltar o líder a todo tempo, para que seja possível aproximá-lo das massas. Além disso, isso corrobora para fortalecer a hierarquia da massa, onde é possível vislumbrar a figura do líder como uma figura poderosa.

Por fim, também foi utilizado o campo de concentração *Theresienstadt* como instrumento de propaganda. Ele era usado como uma “prestação de contas” sobre o que acontecia dentro dos campos de concentração para alguns alemães. Entretanto, tudo era maquiado para que parecesse que os judeus alemães e austríacos só estivessem trabalhando no leste europeu. Essas propagandas, que eram utilizadas para consumo doméstico da população alemã, podem ser explicadas a partir do mecanismo de ausência de lógica e repetição e estereotipificação, onde, embora haja muitas coisas contraditórias não precisa seguir uma lógica e nem fazer sentido, só é necessário que seja circulante e desviante o suficiente para que possa comprovar um ponto de vista.

Passando a citar um exemplo mais recente de modelos identificatórios, temos a polarização política que observamos a nível global. Segundo Filho e Modesto (2023), que desenvolveram um trabalho buscando entender se há polarização política no Brasil e como isso afeta o bem-estar subjetivo daqueles indivíduos que se consideram de uma ou outra posição política, chegou-se a conclusão que após o ano de 2013, houve um ressurgimento na divisão entre posições políticas em meio à população brasileira, o que se assentou ainda mais depois das eleições de 2014 e 2018, onde houveram discursos provocantes em redes sociais feitos por candidatos e pela população na intenção de acentuar a identificação causada nos grupos.

Segundo esses autores, dentro dos consultórios de psicologia e psiquiatria, muitos indivíduos dizem sentir-se inseguros frente ao cenário polarizado da política atual, são relatados sentimentos de medo, tristeza, angústia, raiva e outros. Isso acontece porque essa polarização permeia a vida política e causa sofrimento às pessoas. A caráter de exemplo, e como já citado neste trabalho, a simples crença do pertencimento a um certo grupo é um fator determinante para discriminar aqueles que não pertencem, portanto, se um indivíduo se identifica como de algum dos lados do espectro político, é possível que ele discrimine aquele que não se identifica como igual, favorecendo ainda mais a polarização política.

É importante salientar que isso não acontece só no Brasil. Nos Estados Unidos, por exemplo, a polarização política é tão acentuada que a identificação com partidos políticos permeia até as relações interpessoais. Há uma falta de confiança naqueles que apoiam um partido político diferente e chega ao ponto de isso ser um impasse até na escolha de um parceiro afetivo (ibid. 2023).

Por fim, Filho e Modesto (2023) chegam a conclusão de que há sim uma polarização política no Brasil e isso acaba por atravessar a vida do indivíduo a tal ponto que este se sente desamparado e inseguro frente a sua realidade social. Com tal polarização que emerge e se intensifica ainda mais na sociedade, os indivíduos acabam por se distanciar de seus iguais e os verem como inimigos, isso enfraquece os laços sociais e desmonta uma estrutura de coletividade na sociedade. Nesse cenário os sujeitos são incapazes de visualizar as demandas dos outros e se reconhecerem enquanto uma coletividade, consequentemente surgem os discursos de ódio direcionados a esses diferentes, que igualmente desejam uma mudança no cenário atual. Essa divisão artificial dos indivíduos, onde são encaixados em lados políticos específicos, acaba por produzir aquilo que tanto foi discutido nesse trabalho: o individualismo excessivo e o desmoronamento de uma coletividade democrática e de direito. Tudo isso acaba por fortalecer aquilo que Caniato (2009b) diz, onde o indivíduo violentado pelo sistema econômico se culpabiliza pela sua mazela e então nasce um sentimento de herói, onde ele é o responsável pelo seu sucesso pessoal e independente dos demais indivíduos, o que acaba distanciando o sujeito das relações sociais e produz uma impossibilidade de enxergar o outro como alguém que sofre as mesmas mazelas. Dito de outra forma, o indivíduo se esconde nesse ideal de herói e passa a distanciar-se daqueles que, na visão dele são diferentes e até mesmo responsáveis ou coniventes com este sistema de opressão, mas que na verdade, são igualmente vítimas da mesma estrutura social e econômica.

Filho e Modesto (2023) citam o uso das redes sociais como uma ferramenta para intensificar a polarização política e também discriminar aqueles que são diferentes. Segundo Almeida, *et. al.* (2020), as redes sociais podem ser usadas como forma de manipulação da opinião pública acerca de alguma coisa, por meio de *bots*, *trolls* e *fake news*. A critério de exemplo, tais autores citam que as eleições presidenciais dos EUA e o Brexit, ambos em 2016, sofreram manipulação de opinião pública por meio das redes sociais, o mesmo aconteceu em 2017 na Alemanha e Equador, com o uso de *bots*. Além disso, foi possível observar que nas campanhas eleitorais de 2018 no Brasil também foram utilizados *bots* para impulsionar manifestações políticas e manipular votações no legislativo. As redes sociais que mais são utilizadas para isso são o Facebook, por conta da sua popularidade entre as pessoas, e o Twitter, por conta de atingir grandes públicos ao disseminar alguma informação. Portanto, fica claro que as manipulações da opinião pública por meio das redes e mídias sociais exercem interferência em democracias.

Temos o que Dunker *et. al.* (2017) diz a respeito da pós-verdade, onde o que é falso é tomado como verdadeiro pelo desejo de que aquilo seja um fato e pela vontade de estar certo, enquanto os outros, os adversários, estão errados. Dessa forma, as notícias falsas, *fake news*, acabam por serem um lugar fantasioso de realização de desejos, a consequência disso é que o indivíduo age baseado na informação que recebe e consome, as quais podem ser autoritárias e falsas.

Esse paralelo feito entre o contexto do autoritarismo no nazismo, as polarizações políticas na atualidade, as formas de manipulação dos indivíduos e a formação das massas que disseminam violências e discurso de ódio aos não-integrantes, visa exemplificar como se articulam esses modelos de identificação e como ainda estão presentes nos dias atuais, talvez não tão explícitos como eram no contexto do nazismo com o antissemitismo, mas que ainda se articulam dentro das massas, dos meios de comunicação e das ideologias. Assim como já exposto por Adorno (2022, p. 29); Caniato (2009a, p. 72-73); Thomaz (2023), embora sejam diferentes as estratégias de realização das violências sociais como eram concretizadas no contexto histórico do nazismo, elas ainda articulam-se para o mesmo objetivo: emergir o autoritarismo que ordena as relações sociais, promover o distanciamento do sujeito para com seus iguais, e produzir um impedimento das expressões individualizadoras, que fundam a identidade dos sujeitos, criando assim uma sociedade individualista e sustentadora das violências sociais. Portanto, o mesmo ideal autoritário que vimos no contexto histórico do nazismo ainda existe, mas em outras formas, em outros meios e com outras estratégias.

4 Conclusão

A identificação é o que funda as coletividades e a identidade dos sujeitos. É o processo no qual o indivíduo se reconhece como similar ou diferente do outro, e isso, por sua vez, o leva a se aproximar de certos indivíduos e de se afastar daqueles que considera diferente de si. Dessa forma, entende-se que as identificações são parte indissociável da vida humana e sem elas, não haveria sociedade e nem sujeito.

As massas, que são constituídas a partir dos modelos identificatórios, são um lugar de afeto entre os integrantes, onde há um amor direcionado aos seus similares, e apenas a eles. Por sua vez tais massas necessitam de um líder, que é fascinado em algo ou em alguma ideia, o qual despertará a mesma fé na massa, que o verá como um substituto de um modelo de pai e como ideal de Eu. Consequentemente, aqueles indivíduos que não fazem parte da massa, são vistos como inimigos perigosos, principalmente se estes apresentarem alguma ameaça à integridade e à existência dessa massa, mesmo que fantasiosa.

As sociedades atuais se distanciaram do motivo cerne da sua existência: a sobrevivência da coletividade. Atualmente, os indivíduos se culpam pelos sofrimentos impostos pela cultura e pelos modelos de produção, o que faz emergir uma ideia de herói pessoal, dessa forma, se produz uma competição e rivalidade entre os indivíduos que é intensificada pela ideia de que cada um é responsável tanto pelo seu sucesso quanto pelas suas mazelas sociais e econômicas. Dessa forma, esses modelos fazem das suas vítimas seus próprios agentes reificados de violência, que sustentam esse lugar de injustiça e exclusão social, pois não conseguem enxergar o outro como similar na sua incapacidade frente a realidade.

Mediante a isso, os indivíduos renunciam às suas individualidades e se produz uma padronização de grupos que anseiam por pertencer a algo, pois ser diferente é

visto como algo ruim e indesejado pelo mecanismo de identificação. Nesses momentos, a reificação do sujeito lança os indivíduos a um isolamento perverso onde a violência ao diferente é algo tolerável. Nessas sociedades, onde há a existência de uma violência simbólica e o distanciamento da coletividade, se produz nos indivíduos um rebaixamento de consciência e o distanciamento do pensamento crítico, que advém também de uma educação perversa que utiliza da repressão social, isso atravessa as atitudes desses sujeitos frente à realidade. Nesses momentos, os mecanismos políticos que buscam sustentar o *status quo* utilizam de discursos autoritários, por meio de propagandas, para prometer uma suposta mudança social benéfica a todos.

Entretanto, como tal sociedade já se encontra em um estado de individualismo excessivo, um rebaixamento da consciência e a falta de um pensamento crítico, um discurso que promete uma melhora ao estado de mazela social hipnotiza e encanta tais indivíduos, que muitas vezes não conseguem visualizar por detrás de tal ideologia os mesmos mecanismos de segregação e violências antes impostas. Mediante a constante imposição de ideias, de discursos e de diferentes formas de propaganda autoritária que constantemente disseminam tal ideologia, vai se intensificando cada vez mais o autoritarismo em tais discursos e a divisão entre os “iguais” e os “diferentes”, ou seja, aqueles que por razões específicas não compartilham das mesmas características, pensamentos e traços dessa massa organizada, o que os fazem ser vistos como inimigos, que em última análise são imaginários.

Portanto, entende-se que os discursos autoritários são facilitados em contextos de violências sociais, econômicas, e também em sociedades onde a democracia não é cultivada, tampouco uma educação crítica. Assim, se produz personalidades autoritárias, que se identificam com tais ideologias e com líderes que ocupam esse lugar de representantes dessas ideias. Ao passo que se busca sustentar o *status quo*, tal ideologia utiliza de suas diversas formas de manipulação social, por meio das propagandas, para disseminar suas ideias.

Os modelos identificatórios e os discursos autoritários da atualidade não se distanciam daqueles vistos no nazismo, por exemplo, eles apenas se adaptaram a essa nova realidade. Os mesmos objetivos continuam existindo, que é emergir um autoritarismo que produz segregações e distanciamento entre os iguais, rebaixando a coletividade natural dos indivíduos para sustentar um lugar de violência e injustiça social.

Referências

ADORNO, Theodor W. Antissemitismo e propaganda fascista. In: _____. (org.).

Ensaio sobre psicologia social e psicanálise. São Paulo: Editora Unesp, 2015a. p. 137-152. ISBN 978-85-393-0592-6.

_____. A psicanálise revisada. In: _____. (org.). **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise.** São Paulo: Editora Unesp, 2015c. p. 43-69. ISBN 978-85-393-0592-6.

_____. **Estudos sobre a personalidade autoritária.** São Paulo: Editora Unesp, 2019. 597 p. ISBN 978-85-393-0815-6.

_____. O que significa elaborar o passado. In: _____. (org.). **Educação e emancipação.** 5. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2020. p. 29-49. ISBN 978-

6555480160.

_____. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. *In*: _____. (org.). **Ensaaios sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Editora Unesp, 2015b. p. 153-189. ISBN 978-85-393-0592-6.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de *et al.* **Psicologia Política**: Debates e Embates de um Campo Interdisciplinar. 22. ed. São Paulo: Escola de Artes, Ciência e Humanidades - EACH/USP, 2012. 247 p. ISBN 978-85-64842-02-1. Disponível em: https://www5.each.usp.br/wp-content/uploads/2019/01/psicologia_politica.pdf. Acesso em: 8 maio 2023.

ALMEIDA, Yuri Luz; RUBIN, Francis Spiegel; ALVIM, Adriana Cesário de Faria; DIAS, Vânia Maria Félix; SANTOS, Rodrigo Pereira dos. O Uso das Redes Sociais para Interferir nas Democracias: Um Mapeamento Sistemático da Literatura. **SBC-OpenLib**, Porto Alegre, p. 178-183, 2020. DOI 10.5753/brasnam.2020.11173. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/brasnam/article/view/11173>. Acesso em: 19 maio 2024.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 562 p. ISBN 85-7164-065-3.

CANIATO, Angela Maria Pires. A sociabilidade autoritária: comprometimento na individuação e para a cidadania. *In*: _____. (org.). **Subjetividade e Violência**: Desafios contemporâneos para a psicanálise. 21. ed. Maringá: Eduem - Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2009a. cap. 3, p. 67-82. ISBN 978-85-7628-154-2.

_____. Da violência no *ethos* cultural autoritário da contemporaneidade e do sofrimento psicossocial. *In*: _____. (org.). **Subjetividade e Violência**: Desafios contemporâneos para a psicanálise. 21. ed. Maringá: Eduem - Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2009b. cap. 3, p. 151-167. ISBN 978-85-7628-154-2.

DUNKER, Christian; TEZZA, Cristovão; FUKS, Julián; TIBURI, Marcia; SAFATLE, Vladimir. **Ética e pós-verdade**. 1. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2017. 144 p. ISBN 978-8583180975.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**: noções básicas em pesquisa científica. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2017. 200 p. ISBN 9788502636538. Disponível em: <https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/7615/Acervo/Detalhe/3778?returnUrl=/terminal/7615/Home/Index&guid=1640217609983>. Acesso em: 22 abr. 2023.

FILHO, Mario da Cruz Gloria; MODESTO, João Gabriel Nunes. Polarização política afetiva e bem-estar subjetivo no contexto político brasileiro. **Psico**, Porto Alegre, v. 54, ed. 1, p. 1-10, 2023. DOI 10.15448/1980-8623.2023.1.39825. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/39825>. Acesso em: 19 maio 2024.

FREUD, Sigmund. Psicologia de Grupo e Análise do Ego (1921). *In*: _____. (org.). **Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos (1920-1922)**. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v. XVIII, p. 75-146.

_____. O mal-estar na civilização (1930 [2919]). *In*: _____. (org.). **O Futuro de uma Ilusão, o Mal-estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. XXI, p. 67-151.

_____. Totem e Tabu (1913 [1912-13]). *In*: _____. (org.). **Totem e Tabu e outros trabalhos (1913-1914)**. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. ed. rev. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v. XIII, p. 13-169.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p. ISBN 978-85-386-0071-8. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>. Acesso em: 8 maio 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002. 176 p. ISBN 85-224-3169-8. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/mauriciofacanha/ensino-superior/redacao-cientifica/livros/gil-a.-c.-como-elaborar-projetos-de-pesquisa.-sao-paulo-atlas-2002./view>. Acesso em: 8 maio 2023.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. 2. ed. rev. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. 549 p. v. único. ISBN 85-326-2769-2.

INDURSKY, Alexei Conte; CONTE, Bárbara de Souza. Psicanálise e política: o trabalho da desilusão. **Psicanálise & Barroco em Revista**, [s. l.], v. 17, n. 2, p. 107-124, 2019. DOI 10.9789/1679-9887.2019.v17i2.107-124. Disponível em: <https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/9477>. Acesso em: 23 abr. 2024.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. 11. ed. rev. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 552 p.

MARON, Willian Mac-Cormick. O líder na lógica das identidades coletivas. *In*: PEREZ, Daniel Omar; STARNINO, Alexandre Augusto Garcia (org.). **Por que nos identificamos?**. Curitiba: Editora CRV, 2018. cap. VI, p. 109-123.

MARTINO, Luis Mauro Sá; MARQUES, Angela Cristina Salgueiro. A personalidade autoritária e a teoria da propaganda fascista nas reflexões de Theodor Adorno: uma leitura aproximativa. **Novos Olhares**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 127-141, 24 nov. 2021. DOI 10.11606/issn.2238-7714.no.2021.189621. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/189621>. Acesso em: 15 maio 2023.

MEDEIROS, Gabriel Saldanha Lula de. A mentalidade hitlerista: como se formou o ideário político nazista. **ID on line**. Revista Multidisciplinar e de Psicologia, [s. l.], ano 2020, v. 14, ed. 49, p. 615-633, 2020. DOI 10.14295/online.v14i49.2355. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2355>. Acesso em: 10 abr. 2024.

MOREIRA, Walter. **Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico:** conceitos e estratégias para confecção. [S. l.: s. n.], 2004. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/19/o/Revis__o_de_Literatura_e_desenvolviment_o_cient__fico.pdf. Acesso em: 21 jun. 2023.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **A propaganda política nazista**. Enciclopédia do Holocausto. <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nazi-propaganda>. Acessado em: 15 maio 2024.

PEREZ, Daniel Omar. Identificação individual e coletiva. *In*: _____.; STARNINO, Alexandre Augusto Garcia (org.). **Por que nos identificamos?**. Curitiba: Editora CRV, 2018. cap. I, p. 11-51.

PIRES, Marília Freitas de Campos. O materialismo histórico-dialético e a Educação. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [s. l.], v. 1, ed. 1, p. 83-94, 1997. DOI 10.1590/S1414-32831997000200006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/RCh4LmpxDzXrLk6wfR4dmSD#>. Acesso em: 29 maio 2024.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, [s. l.], 17 jul. 2007. DOI 10.1590/S0103-21002007000200001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/#>. Acesso em: 21 jun. 2023.

THOMAZ, Rita de Cassia. O conceito de identificação no pensamento de Adorno: entre o ajustamento social e a resistência em direção a uma existência mais humana. **APRENDER** – Cad. de Filosofia e Psic. da Educação, Vitória da Conquista, ed. 30, p. 322-338, 2023. DOI 10.22481/aprender.i30.12990. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/12990>. Acesso em: 3 abr. 2024.